



## AS PRODUÇÕES IMAGÉTICAS DOS LIVROS DIDÁTICOS E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO DISCENTE

Marta Helena Batista Machado de Sales  
Mestranda em História, Mestrado Profissional.  
UFG / Regional Catalão

### RESUMO

Quando nos referimos a produção de imagens contidas nos livros didáticos logo nos deparamos com as dificuldades que os discentes sentem em interpretar, assimilar e se orientar pelas imagens que ali estão apresentadas. Objetiva-se neste projeto temático, investigar e discutir até que ponto as apresentações imagéticas são significativas e passíveis de interpretação pelo discente, atentando para sua própria cultura, experiências individuais e coletivas. Como ele percebe esse mundo que muitas vezes se torna diferente ao mundo em que vive. Até que ponto as diferentes materialidades imagéticas veiculadas no livro didático são apropriadas, integram ou ajudam na construção do ensino aprendizagem na área de História, tornando, assim, mais acessível o desenvolvimento do saber? Teoricamente me respaldo na História Cultural e na Cultura Visual, para este estudo. Como se trata dos resultados parciais, nesta comunicação, metodologicamente, pretendo fazer uma discussão bibliográfica a partir dos seguintes autores: Michel Certeau, Durval Albuquerque Jr, Imanol Aguirre, Raimundo Martins e Levandovski entre outros.

**PALAVRAS CHAVE:**imagens; experiencias individuais; ensino aprendizagem; História cultural; cultura visual.

### 1 INTRODUÇÃO

A presente comunicação originou de uma pesquisa sobre as produções imagéticas dos livros didáticos e a construção do conhecimento discente; pensando as propostas dos livros didáticos que trabalham com imagens na formação do discente e na sua capacidade de observação, assimilação e construção significativa do conhecimento histórico.

Este trabalho parte da necessidade de entender a percepção das imagens absorvidas pelos alunos que são propostas como análise de temas históricos e são apresentadas nos livros didáticos, as quais muitas vezes diferem das imagens observadas no cotidiano à volta dos alunos.

Como problemas para esta pesquisa, indago: Como as imagens podem dizer algo do que somos ou mesmo explicar nosso mundo? Por que nos dias atuais as imagens estão tão presentes em nosso dia a dia e em nossa vida? Como estas imagens são percebidas pelos alunos? Qual a relação que fazem das imagens dos livros didáticos com o conteúdo lecionado em sala de aula e com seu cotidiano? Por que eles têm tanta dificuldade em entender as imagens de alguns conteúdos?



Tenho como objetivo compreender como as imagens apresentadas nos livros didáticos podem despertar curiosidade ou influenciar a vida e a aprendizagem dos discentes. Nessa perspectiva, procuro entender o fracasso de alguns discentes em compreender e associar as imagens ao conteúdo ministrado e ao tema que está sendo abordado em sala de aula, assim como a facilidade de relacionar imagens aos fatos narrados e abordados pelo docente ao longo das aulas. Também, perceber a relação que alguns sujeitos fazem do que está sendo visualizado e o que ele vê em seu dia a dia, apontando a relação entre imagens e cotidiano.

Metodologicamente, proponho uma discussão bibliográfica com autores que discutem História, mas também Cultura Visual e livro didático. Como se trata dos resultados parciais, nesta comunicação, metodologicamente, pretendo fazer uma discussão bibliográfica a partir dos seguintes autores: Michel Certeau, Durval Albuquerque Jr, Imanol Aguirre, Raimundo Martins, Levandovski entre outros.

## 2 DISCUSSÃO E RESULTADOS

Como a minha proposta para esta comunicação se trata de resultados parciais, apresento aqui, uma discussão bibliográfica que foca Saber, História, Cultura Visual e livro didático. a partir dos seguintes autores: Michel Certeau, Durval Albuquerque Jr, Imanol Aguirre, Raimundo Martins, Levandovski entre outros.

Iniciarei a discussão com Michel de Certeau que nasceu em Chambéry, em maio de 1925. Formou-se em Filosofia, História, Teologia e Letras Clássicas. Em 1950, ele ingressa na companhia de Jesus; em 1956 é ordenado sacerdote e vive como jesuíta até a morte. Foi historiador dos textos místicos da renascença até a era clássica. Interessou-se pelos métodos da antropologia e da linguística; ministrou cursos de formação de pesquisador a estudantes de Paris, da Europa e das duas Américas. Historiador dedicado aos estudos de religião e experiências místicas entre os séculos XVI e XVIII, também escreveu sobre a epistemologia da História e multiplicidade cultural, sendo considerado, uma autoridade não apenas no mundo acadêmico, mas também pelas instituições públicas francesas.



De Certeau dava importância a multi e interdisciplinaridade, principalmente a aproximação com a Linguística e a Antropologia, apontando que os estudos de linguagem são centrais para as teorias pós-modernas. Para ele a multidisciplinaridade possibilitaria captar o momento histórico de um ponto de vista mais amplo e os aspectos culturais, estimulados pela Antropologia, possibilitou uma nova apreensão da história, indo além das práticas sociais e dando-lhe novos sentidos.

Para este autor, a escrita da História se apresentaria como o discurso da separação através do qual o historiador aprisionaria a realidade em estudo. Apresentando a realidade passada como algo que não pode ser apreendido plenamente por conta do lugar de onde fala o historiador, então o discurso do historiador seria produzido de maneira deslocada dessa realidade. A produção do historiador, portanto, deve ser considerada como um ofício, que envolve práticas humanas estabelecidas dentro de um lugar social e, a construção de um texto envolve análise, práticas científicas e por uma escrita.

Para o autor, o historiador produz a partir de seu próprio tempo e realidade, por isso, seu discurso é um "discurso particularizado", que tem um emissor – historiador e, um destinatário, seja ele qual for. Com isso ele aponta que não se pode falar de uma única verdade, mas de verdades - subjugadas aos limites das pesquisas históricas e influenciadas pelo presente do historiador. De Certeau não nega a possibilidade de achar alguma verdade, pois o discurso do historiador residiria na busca de possibilidades e hipóteses ligadas às suas preocupações. Frente ao discurso homogêneo haveria a utilização da imaginação para a construção da linguagem histórica.

Seguindo as discussões, aponto aqui outro importante teórico da História: Durval Muniz de Albuquerque Júnior - Doutor em História Social pela Universidade Estadual de Campinas, Pós-Doutor em Educação pela Universidade de Barcelona, professor adjunto do Departamento de História e Geografia da Universidade Federal de Campina Grande, membro do corpo docente dos Programas de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco e de Sociologia de Campina Grande e na Universidade da Paraíba.



Segundo Albuquerque Jr, o historiador ao fazer história faz recortes que são temporais e que remetem a um espaço social, a um determinado grupo. Procura aproximar-se do objeto para assim entendê-lo. Busca pensar a repercussão de seu trabalho e a validade do mesmo. Ele faz e refaz seu trabalho à medida que encontra novas informações, promove uma nova olhada sobre seu objeto de estudo. Partindo assim, de seu próprio conhecimento e saber, sem os quais não seria possível produzir ou entender o objeto de estudo.

Ainda, segundo Albuquerque Jr, o trabalho do historiador é artesanal, é meticuloso, cheio de nuances, com diferentes e intensos detalhes para serem analisados. Um trabalho sendo feito dentro de seu ateliê, no seu espaço, no afastamento e na reclusão para assim promover a construção do trabalho escrito. Trata-se de um trabalho solitário de análises e apontamentos pessoais. São particularidades do lugar e de quem o analisa para produzir determinado trabalho. Todos se integram e se encontram dismistificados em cada frase, em cada texto que se escreve. O olhar do construtor sobre seu objeto tendo seu trabalho finalizado, concretizado e ao final uma obra – sua obra, que se tornará leitura para outras análises e outros olhares, compõe-se de uma produção literária e apresentações científicas, tornando-se assim científica ao se reorganizar, se refazer, se transformar sob nosso olhar e abordagem.

Para este autor, a realização do ofício do historiador é como uma metáfora, pois, ele é colocado enquanto um operário que produz e o produto da sua produção é um trabalho – a redação. O trabalho do historiador é artesanal, isolado e solitário em um ateliê, meticuloso, sutil e cheio de nuances. Acrescenta ainda que o trabalho do historiador não é alienado, pois este se projeta no texto que está escrevendo.

Outro autor importante, quando se trata do conhecimento histórico e do fazer do historiador é Jörn Rüsen - Historiador e filósofo alemão. Os seus textos e investigações abrangem, sobretudo, os campos da teoria e metodologia da história, da história da historiografia e da metodologia do ensino de história.

O autor pressupõe que a narrativa possui importância central na constituição do conhecimento histórico. Em primeiro lugar, ele consegue conciliar a escrita da história com a



pesquisa empírica, que garante a validação para o conhecimento histórico científico. Em segundo lugar, Rüsen concilia o conhecimento histórico científico com a vida prática. Para Rüsen, o conhecimento histórico tem a importante função de suprir carências de orientação temporal dos seres humanos. Essas carências são o desdobramento da ação e do sofrimento que os seres humanos devem experimentar devido ao fluxo do tempo, que foge ao seu controle.

Suas considerações acerca da constituição de sentido mediada pela consciência histórica vão além do âmbito da historiografia. Assim, consegue superar o raciocínio binário que tende a opor historiografia e vida prática, método de pesquisa empírica e escrita da história. A consciência histórica é construída na experiência, na vida do sujeito. O conhecimento histórico é um conhecimento multiperspectivado, ele acontece a partir das múltiplas perspectivas, das diferentes experiências dos sujeitos. A capacidade que o sujeito tem de se situar no tempo. Onde podemos dar um sentido à vida, a partir da orientação de nossa prática no presente. Assim pensar nossa identidade, produzindo conhecimento histórico e formando uma consciência histórica.

A história parte da experiência para construir história. A ideia de aprender está relacionada não só com o que se tem de fora, mas também com o que se vai apreender e por para dentro. Todos estão num processo de construção aluno e pesquisador. Assim devemos libertar os alunos para que eles construam sua própria consciência histórica. Portanto, a Educação histórica consiste em saber como o conhecimento é processado pelas pessoas; Como as pessoas conhecem história.

A consideração de que ao agir no mundo o homem precisa interpretá-lo, não como um dado puro, mas à luz de suas memórias e experiências. A ideia de *consciente constitutiva*, quando o objeto de pesquisas dentro e fora do ambiente escolar, redimensiona as pesquisas educacionais na direção da consideração das ideias dos alunos, como também as ideias das pessoas comuns de toda sociedade, como se relacionam com seu passado? Ou seja, todo ser humano, em ambiente de escolarização ou não recorre a alguma forma de atribuição de sentido ao agir no mundo, na intenção de satisfazer os seus interesses. (RÜSEN in BAROM, 2012, p. 1001-1002)

As ideias de Rüsen fazem uma ligação entre a proposta da teoria da história com a área do ensino de história. Pensando que antes de ensinar se tem que aprender.



Partindo para o estudo dentro da perspectiva da História Cultural e as novas perspectivas de abordagens e dentro do estudo que faço, a História Cultural apresenta um novo campo historiográfico que permite um olhar mais amplo sobre as construções dos sujeitos e suas formas de se organizar no mundo – seja pelas práticas, representações e significações. Dessa maneira vem contribuir com as novas perspectivas de pensar o social, o religioso, o político social, porque tudo é cultural.

A construção deste campo de conhecimento se valeu de discussões com diferentes correntes do pensamento – linguística, antropologia, ciência política, entre outros. Diálogos interdisciplinares, envolvendo a História com outros campos do saber e autores, como Clifford Geertz e a proposta antropológica de uma descrição densa, como também a micro história apontada por Carlos Ginzburg. Todos com uma abordagem interpretativa da cultura que apresenta significados particulares, mas construídos socialmente e legitimados por seus sujeitos. Práticas e representações estabelecidas dentro de uma determinada cultura que não se apresenta inócua ou inerte no tempo, que se reformula e se renova a cada necessidade de mudança. A cultura é dinâmica e está sempre em transformação e reformulação.

Partindo para a análise de imagens temos Imanol Aguirre - Professor e Bacharel em Filosofia pela Universidade do País Basco, PhD do Departamento de Filosofia dos Valores e Antropologia Social pela Universidade do País Vasco. Depois de quinze anos de professor de aulas de “mídia” em centros de San Sebastian e Pamplona, em 1993, ele entrou para a Universidade Pública de Navarra como professor associado, tornando-se parte do corpo docente da Universidade de Navarra, em 1998. Participa como professor nos programas de Professor Departamento de Treinamento de Educação, Governo de Navarra para a Área de Educação Visual e Plástica. Diretor do Departamento de Psicologia e Educação da Universidade Pública de Navarra.

Para Aguirre, a Cultura visual aparece em um momento de grandes transformações no mundo da Arte e que só pode ser entendida se estudada em meio a essas transformações. Para ele, ela traz mudanças epistemológicas de maneira a repensar o que está entre arte e política de promovendo uma educação emancipadora, com uma pedagogia da experiência, propondo assim a





cultura visual como uma nova releitura de mundo. O surgimento da Cultura Visual como campo de estudo ocorreu por ter gerado uma nova possibilidade de pensamento e reflexão, propiciando a percepção para o visível e as visibilidades. Relacionando a arte e sua função dentro da sociedade e ainda com a política; envolvendo as relações cotidianas e uma nova “política da estética”. A Cultura Visual provocou rupturas nas configurações do espaço e tempo, do ver e do dizer. E assim buscar novas formas de ver o mundo, de dizer sobre ele. Sendo que cabe a educação política formar pessoas conscientes, habilitadas ou capacitadas, que usem sua inteligência para sair da exclusão e assim exercer sua capacidade de percepção sobre o mundo e seu direito de cidadania.

Aponto aqui, agora, Raimundo Martins que faz a discussão da cultura visual e das visualidades e do poder das imagens nas vidas das pessoas. Ele é Doutor em Educação/Artes pela Universidade de Southern Illinois (EUA), pós-doutor pela Universidade de Londres (Inglaterra) e pela Universidade de Barcelona (Espanha), onde também foi professor visitante. É Professor Titular e Diretor da Faculdade de Artes Visuais, docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual – Mestrado/Doutorado, da Universidade Federal de Goiás (FAV/UFG). É pesquisador do Laboratório Imagem e Educação da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, do Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte, Educação e Cultura (GEPAEC) da Universidade Federal de Santa Maria e do Grupo de Pesquisa Cultura Visual e Educação (GPCVE) da Universidade Federal de Goiás. Membro do Conselho Editorial de várias revistas no Brasil e no Exterior. É Editor da Coleção Desenredos – Núcleo Editorial da FAV/UFG. Tem artigos e capítulos de livro publicados no Brasil e no exterior e coordena (c/Irene Tourinho) a Coleção Cultura Visual e Educação, publicada pela Editora da UFSM, É membro da International Society for Education Through Art (INSEA) e da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP). No semestre letivo 2013/2014, foi professor visitante na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Barcelona.

Para ele, a cultura visual propicia aos alunos construir um olhar crítico com relação ao poder das imagens, pois as imagens têm poderes psicológico e social sobre os sujeitos. “[...] a proposta da cultura visual é questionar e construir um conhecimento mais profundo, rico e



complexo [...], dando importância à compreensão, à interpretação crítica da arte e da imagem como artefatos culturais” (MARTINS, 2008, p. 34).

Através das imagens, nos tornamos capazes de alcançar o passado e revisitá-lo, reinventando-o, na expectativa de trazê-lo à baila para transformá-lo em presente, mesmo que temporariamente, e torná-lo, se e quando possível gerador de condições de possibilidades de futuros. (MARTINS, 2010, p. 10)

Dessa maneira, as formas de pensar do autor vêm de encontro com a minha proposta de pensar um trabalho com os alunos do Ensino Fundamental e Médio de, visitar o passado através das imagens contidas nos livros didáticos e transformá-las, associando-as ao seu mundo presente, dando-lhes novos contornos e significados, para assim entendê-las e decodificá-las para as suas próprias conclusões e construções.

Dentro da área da Educação e da percepção das imagens que nos cercam, aponto a autora Ana Rita Levandovski Licenciada em Pedagogia com especialização, *lato sensu*, em Psicopedagogia pela Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Cornélio Procopio. Mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Londrina UEL. Atualmente docente da Universidade Estadual do Norte do Paraná UENP. Coordena (em parceria) o curso de especialização, *lato sensu*, em Educação Especial Inclusiva - Campus de Cornélio Procopio desde 2009. Foi Coordenadora do Ensino Superior nesta Instituição de Ensino Superior (2009). Foi Pró-Reitora de Graduação. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Psicologia da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: educação inclusiva; ensino e aprendizagem; relação família e escola e formação de professores.

A leitura das imagens que estão ao nosso redor parte de um processo de percepção que envolve vivência de caminhos construídos a partir de nossa interação social, das construções cotidianas. A leitura deste mundo parte desse processo de interação com o meio social e cultural no qual vivemos. Ao abrirmos os olhos pela primeira vez nos deparamos com uma gama de imagens as quais ainda não tínhamos contato – os rostos, o espaço, os objetos, as mensagens escritas, enunciados, as cores. “[...]. Percebemos o contexto que nos cerca desde que nascemos e





temos os primeiros contatos com o mundo. Nossos sentidos têm a função de leitores de tudo o que nos circunda” (SIMEONI e LEVANDOVISKI, 2009, p.2).

Partindo para novas pesquisas sobre imagens e pensando a proposta da Cultura Visual, busquei na minha graduação em Artes Visuais alguns parâmetros que me orientassem para essa discussão das produções imagéticas e as percepções individuais dos sujeitos. Apresento alguns apontamentos feitos, no trabalho de conclusão de Curso de Artes Visuais – Marta Helena B. M. de,

A cultura visual aborda a relação de poder de uma imagem e a atuação dos sujeitos frente a ela. Devemos perceber a imagem para além da simples interpretação individual, pois ela é uma construção coletiva e social que envolve saberes, escolhas, valores e poder. Uma educação para a construção do conhecimento crítico só é possível com a observação, leitura e interpretação de imagens, com a possibilidade de atuação sobre o mundo e maneiras de expressar a criatividade a partir das visualidades. (SALES, 2012, p. 55-56).

Ainda dentro dos estudos e do campo da Cultura Visual e pela visão de arte-educadores para uma abordagem histórica, podemos dialogar com Ana Mae Barbosa e Raimundo Martins, pois eles têm contribuições significativas para as discussões aqui apontadas sobre visualidades e imagens, utilizadas dentro da sala de aula. Seguindo essa mesma perspectiva de estudo das imagens, a “abordagem triangular” de Ana Mae Barbosa propõe um trabalho que envolva e associe o “ver” com o “fazer”, além de contextualizar tanto a leitura quanto a prática.

O aprendizado acontece quando vemos uma imagem e atribuímos significados a ela, um significado que é socialmente construído, fazendo assim, uma contextualização histórica - interações, fazer artístico - subjetividade e, apreciação artística - percepção (SALES, 2012, p. 54). Para isso ocorrer, as observações e experiências cotidianas contam muito para a construção do conhecimento histórico. Nesse caso Ana Mae Barbosa(2008, p. 38-39)aponta que,

[...] ‘educação da cultura visual’ significa a recente concepção pedagógica que destaca as ubíquas representações visuais do cotidiano como os elementos centrais que estimulam práticas de produção, apreciação e crítica de artes e que desenvolvem cognição, imaginação, consciência social e sentimento de justiça. [...], a educação da cultura visual é aberta a novas e diversas formas de conhecimentos, promove o entendimento de meios de opressão dissimulada, rejeita a cultura do Positivismo, aceita a ideia de que os fatos e os valores são indivisíveis e, sobretudo, admite que o conhecimento é socialmente construído e relacionado intrinsecamente ao poder.



A proposta de Barbosa requer pensar que, ao observar uma imagem não estamos apenas vendo algo destituído de poder, mas carregado de valores, interesses e poder. Dessa forma a análise da imagem é de alguma forma assimilada, se tornando significativa e assim, propiciando diferentes formas de conhecimento e interpretações. Uma imagem não é estática, ela apresenta diferentes significados e traz em si mesma uma gama de práticas sociais.

As imagens por sua vez, estão em constante transformação, pois a sociedade globalizada se modifica a cada instante e outras surgem precisando de novas interpretações e significações que são construídas de acordo com escolhas, valores e representações. Portanto não é possível pensar uma educação para a construção do conhecimento crítico sem a observação, leitura e interpretação de imagens, pois elas fazem parte de nossa vida e dizem muito do que somos, de nossas escolhas e do mundo onde vivemos. (SALES, 2012, p. 59)

O estudo da cultura visual abre para novas perspectivas e possibilidades de observação de uma imagem apresentando relações de poder do sujeito frente a estas, tornando-os observadores mais críticos e perceptivos às mazelas sociais que os envolvem.

As imagens povoam o nosso mundo e estão presentes nos livros didáticos aos borbotões. Algumas vezes associadas ao mundo presente, no qual vivemos, e algumas vezes apresentando o conteúdo e determinado período em questão, mas a assimilação destas pelo aluno parte de sua vivência e cultura. Em alguns casos deixam de ser significativas e se apresentam como uma incógnita, já que os livros didáticos tem sua produção para o vasto território Nacional, mas que não são percebidas igualmente por conta da diversidade cultural do país; E mesmo que cada aluno tenha sua visão de mundo e procure construir sua própria percepção da imagem à universalização das imagens foge as suas percepções cotidianas.

Algumas imagens nos aparecem universais, individualizadas, outras partem da representação de um determinado grupo, mas todas representam saberes, culturas e vivências de sujeitos, apontando grande diversidade cultural e social. *“Ler o mundo a nossa volta é ler imagens em seus diferentes veículos de divulgação – pode ser um jornal, um livro, a TV, um outdoor, um filme, um gibi, as obras plásticas mundialmente conhecidas assim como as produzida na localidade.”* (SALES, 2012, pp.58-59).



Diante desta discussão, o estudo das imagens do livro didático pode ser analisada sob o olhar de diferentes autores e áreas do conhecimento e assim, apresentar distintas construções e verdades. Vale lembrar que as imagens contidas no livro didático são carregadas de intenções e trazem representações que estão presentes na sua criação, produção, diagramação e ilustração, apresentando práticas e saberes que são construídos coletivamente.

Apesar de a História Cultural ser um novo campo de estudo da História com diferentes abordagens, procuro me embrenhar por este caminho de ideias fazendo um gancho com a Cultura Visual, pois tanto uma como a outra me possibilitam analisar a cultura, as práticas, representações, significações como conceitos a serem explorados dentro do estudo das imagens produzidas em um livro didático e a assimilação discente das mesmas; e, assim, pensar a coletividade, os sujeitos, a formação de uma consciência histórica, que vão sendo legitimados a partir de um imaginário social.

Em contrapartida o estudo das visualidades – proposto pela Cultura Visual e seus teóricos abrem para questões como a importância de se pensar esse sujeito e o mundo imagético que o circula, percebendo suas próprias percepções de mundo, significações e cotidiano.

### Referências Bibliográficas

AGUIRRE, Imanol. Cultura Visual, política da estética e educação emancipadora. In:

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado*. Ensaios de teoria da História. Bauru: Edusc, 2007.

BAROM, William Carlos Cipriani e CERRI, Luis Fernando. *A Teoria da História de Jörn Rüsen entre a Modernidade e a Pós-modernidade: uma contribuição à didática da História*. Educ. Real, Porto Alegre, V.37, p. 991-1008, set/dez. 2012. Disponível em:

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. *A escrita da História*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão teórica de Amo Vogel. – 2ª ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (organizadores). *Educação da Cultura Visual: conceitos e contextos*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2011. p.69-107

\_\_\_\_\_. *Educação na cultura visual: narrativas de ensino e pesquisa*. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2009, pp. 141-156 - 272.



\_\_\_\_\_. *Cultura visual e infância: quando as imagens invadem a escola*. Santa Maria: Ed. da UFS, 2010. 248p.

\_\_\_\_\_. "Visualidade e Educação". Grupo de Pesquisa – Educação e Cultura Visual. Goiânia: FUNAPE, 2008.

RUSEN, Jörn. Didática: Funções do Saber Histórico. *História Viva: Teoria da História III – formas e funções do conhecimento histórico*. Trad. Estevão Rezende Martins. Brasília: Ed. da UnB, 2007.

SALES, Marta Helena B. M. de et al. *Plantando imagens e colhendo histórias*. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Artes Visuais) – FAV Faculdade de Artes Visuais – FAV/Universidade Federal de Goiás - UFG, Goiânia, 2012.

SIMEONI, Maria Cristina; LEVANDOVISKI, Ana Rita. Leitura de imagens: uma possibilidade de reflexão. Artigo desenvolvido por professores da E. F./Paraná. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1768-6.pdf>. Acesso em 13/05/2014 e 26/04/2015.